



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PELO DIA MISSIONÁRIO MUNDIAL DE 2001

«*Misericordias Domini in aeternum cantabo*» (SI 89 [88], 2).

Queridos Irmãos e Irmãs!

1. Celebramos com profunda alegria o Grande Jubileu da salvação, tempo de graça para toda a Igreja. A misericórdia divina, que cada fiel pôde experimentar, estimula-nos a «fazer-nos ao largo», recordando com gratidão o passado, vivendo com paixão o presente e abrindo-nos com confiança ao futuro, na convicção de que «Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre» (Hb 13, 8) (cf. Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, 1). Este estímulo para o futuro, iluminado pela esperança, deve ser a base do agir de toda a Igreja no novo milénio. Esta é a mensagem que desejo dirigir a cada fiel por ocasião do *Dia Missionário Mundial*, que se celebrará no próximo dia 21 de Outubro.

2. Sim, chegou o tempo de olhar para o futuro, mantendo o olhar fixo no rosto de Jesus (cf. Hb 12, 2). O Espírito chama-nos a «lançar-nos para o futuro que nos espera» (*Novo millennio ineunte*, 3), a testemunhar e a confessar Cristo, agradecendo «as maravilhas» que Deus fez por nós: «*Misericordias Domini in aeternum cantabo*» (SI 89 [88], 2)» (*ibid.*, 2). Por ocasião do Dia Missionário Mundial do ano passado, desejei recordar como o empenho missionário brota da fervorosa contemplação de Jesus. O cristão que contemplou Jesus Cristo não pode deixar de se sentir arrebatado pelo seu fulgor (cf. *Vita consecrata*, 14) e de se empenhar por testemunhar a sua fé em Cristo, único Salvador do homem. A contemplação do rosto do Senhor suscita nos discípulos a «contemplação» também dos rostos dos homens e das mulheres de hoje: de facto, o Senhor identifica-se «com os seus irmãos mais pequeninos» (cf. Mt 25, 40.45).

A contemplação de Jesus, «o primeiro e o maior evangelizador» (*Evangelii nuntiandi*, 7), transforma-nos em evangelizadores. Faz com que tomemos consciência da sua vontade de dar a vida eterna àqueles que o Pai lhe confiou (cf. Jo 17, 2). Deus quer que «todos os homens se salvem e conheçam a verdade» (1 Tm 2, 4), e Jesus sabia que a vontade do Pai sobre Ele era que anunciasse o Reino de Deus também às outras cidades: «para isso é que fui enviado» (Lc 4, 43).

Depois, o fruto da contemplação dos «irmãos mais pequeninos» é descobrir que cada homem, mesmo se o faz de

maneira que para nós é misteriosa, procura Deus, porque por Ele foi criado e é amado. Assim o descobriram os primeiros discípulos: «Todos Te procuram» (*Mc 1, 37*). E os «gregos», em nome das gerações vindouras, exclamaram: «queríamos ver a Jesus» (*Jo 12, 21*). Sim, Cristo é a luz verdadeira que ilumina todos os homens que vêm a este mundo (cf. *Jo 1, 9*); todos os homens o procuram «andando às apalpadelas» (*Act 17, 27*), impelidos por uma atracção interior da qual nem sequer ele conhece bem a origem. Ela está escondida no coração de Deus, onde pulsa uma vontade salvífica universal. Dela Deus nos faz testemunhas e arautos. Para esta finalidade nos invade, como num novo Pentecostes, com o fogo do seu Espírito, com o seu amor e com a sua presença: «E eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo» (*Mt 28, 20*).

3. Por conseguinte, fruto do Grande Jubileu é também a atitude que o Senhor pede a cada cristão, isto é, a de olhar em frente com fé e esperança. O Senhor honra-nos ao pôr em nós a sua confiança e chama-nos ao ministério sendo misericordioso connosco (cf. *1 Tm 1, 12.13*). Não é uma chamada que se destina só a alguns, mas a todos, cada um no próprio estado de vida. Na Carta apostólica *Novo millennio ineunte* escrevi a este propósito: «Esta paixão não deixará de suscitar na Igreja uma nova missionariedade, que não poderá ser delegada a um grupo de "especialistas", mas deverá corresponsabilizar todos os membros do povo de Deus. Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-Lo para si; tem de O anunciar. É preciso um novo ímpeto apostólico, vivido como compromisso diário das comunidades e grupos cristãos... Cristo há-de ser proposto a todos com confiança. Seja feita a proposta aos adultos, às famílias, aos jovens, às crianças, sem nunca esconder as exigências mais radicais da mensagem evangélica, mas adaptando-a, a nível de sensibilidade e linguagem, à situação de cada um, segundo o exemplo de Paulo que afirma: "Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a todo o custo" (*1 Cor 9, 22*)» (n. 40).

De maneira especial, a chamada à missão adquire uma singular urgência, se olharmos para aquela porção da humanidade que ainda não conhece ou não reconhece Cristo. Sim, queridos Irmãos e Irmãs, a missão ad gentes hoje é mais válida do que nunca. Conservo impresso no coração o rosto da humanidade que pude contemplar durante as minhas peregrinações: é o rosto de Cristo reflectido no dos pobres e dos que sofrem; o rosto de Cristo que brilha em todos os que vivem como «ovelhas sem pastor» (*Mc 6, 34*). Cada homem e cada mulher têm o pleno direito a que lhes sejam ensinadas «muitas coisas» (*ibid.*).

Perante a evidência da própria fragilidade e insuficiência, a tentação humana, mesmo do apóstolo, é despedir o povo. Ao contrário, é precisamente naquele momento que, pondo-se a contemplar o rosto do Amado, é preciso que cada um volte a escutar as palavras de Jesus: «Não é preciso que eles vão; dai-lhes vós mesmos de comer» (cf. *Mt 14, 16; Mc 6, 37*). Desta forma, experimenta-se ao mesmo tempo a debilidade humana e a graça do Senhor. Conscientes da perene fragilidade que nos marca profundamente, sentimos a necessidade de dar graças a Deus por tudo o que Ele realizou para nós e por tudo o que, na sua graça, realizará.

4. Como deixar de recordar, nesta circunstância, todos os missionários e missionárias, sacerdotes, religiosas e leigos, que fizeram da missão *ad gentes* e *ad vitam* a razão da própria existência? Eles, com a sua vida, proclamam «sem fim as maravilhas do Senhor» (*Sl 89*). Não poucas vezes, este «sem fim» chegou até ao derramamento do sangue: quantas foram as «testemunhas da fé» no século passado! Foi também graças à sua generosa doação que o Reino de Deus se pôde dilatar. Dirigimos-lhes o nosso pensamento agradecido, acompanhado pela oração. O seu exemplo serve de estímulo e de apoio para todos os fiéis, que podem haurir coragem ao verem-se «cercados de uma nuvem de

testemunhas» (*Hb* 12, 1), que com a sua vida e as suas palavras fizeram e ainda fazem ecoar o Evangelho em todos os continentes.

Sim, caríssimos Irmãos e Irmãs, não podemos calar aquilo que vimos e ouvimos (cf. *Act* 4, 20). Vimos a obra do Espírito e a glória de Deus manifestar-se na debilidade (cf. *2 Cor* 12; *1 Cor* 1). Também hoje, muitos homens e mulheres, com a sua dedicação e com o seu sacrifício, são para nós manifestação eloquente do amor de Deus. Deles recebemos a fé e sentimo-nos estimulados a ser, por nossa vez, anunciadores e testemunhas do Mistério.

5. A missão é «anúncio jubiloso de um dom, que se destina a todos e, por conseguinte, há-de ser proposto a todos com maior respeito da liberdade de cada um: o dom da revelação do Deus-Amor, que "amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único" (*Jo* 3, 16)... A Igreja, portanto, não pode subtrair-se à actividade missionária junto dos povos, e permanece tarefa prioritária da *missio ad gentes* o anúncio de que é em Cristo, "Caminho, Verdade e Vida" (*Jo* 14, 6), que os homens encontram a salvação» (*Novo millennio ineunte*, 56). É um convite para todos, é um apelo urgente ao qual deve ser dada uma resposta imediata e generosa. É preciso ir! É necessário pôr-se a caminho sem hesitações, como Maria, a Mãe de Jesus; como os pastores que despertaram ao primeiro anúncio do Anjo; como Madalena quando viu o Ressuscitado. «Ao princípio deste novo século, o nosso passo tem de fazer-se mais lesto para percorrer as estradas do mundo... Cristo ressuscitado marca encontro connosco no Cenáculo, onde, na tarde do «primeiro dia depois do sábado» (*Jo* 20, 19), apareceu aos seus "soprando" sobre eles o dom vivificante do Espírito e iniciando-os na grande aventura da evangelização» (*ibid.*, 58).

6. Queridos Irmãos e Irmãs! A missão exige oração e empenho concreto. São muitas as necessidades que a minuciosa difusão do Evangelho requer.

Celebra-se este ano o 75º aniversário da instituição do *Dia Missionário* por parte do Papa Pio XI, que aceitou o pedido da Pontifícia Obra da Propagação da Fé para «estabelecer "um dia de oração e de propaganda para as missões" a ser celebrado no mesmo dia em todas as dioceses, paróquias e nos institutos do mundo católico... e para solicitar o óbolo para as missões» (Sagrada Congregação dos Ritos, Instituição do *Dia missionário mundial*, 14 de Abril de 1926: AAS 19 [1927], pág. 23 s.). Desde então, o Dia missionário constitui uma ocasião especial para recordar a todo o Povo de Deus a permanente validade do mandato missionário, visto que «a missão compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais» (Carta encíclica *Redemptoris missio*, 2). É ao mesmo tempo uma ocasião oportuna para recordar que «as missões não solicitam apenas uma ajuda, mas uma partilha do anúncio e da caridade para todos os pobres. Tudo o que recebemos de Deus – tanto a vida como os bens materiais – não é nosso» (*ibid.*, 81). Este Dia é importante na vida da Igreja, «porque ensina como se deve dar o contributo: na celebração eucarística, ou seja, como oferta a Deus, e para todas as missões do mundo» (*ibid.*). Por conseguinte, que este aniversário seja uma ocasião propícia para reflectir acerca da necessidade de um maior esforço comum para promover o espírito missionário e para obter as ajudas materiais necessárias das quais os missionários precisam.

7. Na homilia de conclusão do Grande Jubileu, no dia 6 de Janeiro de 2001, eu disse: «É necessário partir de Cristo, com o impulso do Pentecostes, com entusiasmo renovado. Partir d'Ele, inicialmente no compromisso quotidiano da santidade, colocando-se em atitude de oração e à escuta da sua palavra. Depois, partir d'Ele para testemunhar o Amor! (n. 8).

Portanto:

Parte de Cristo, tu, que encontraste misericórdia.

Parte de Cristo, tu, que perdoaste e aceitaste o perdão.

Parte de Cristo, tu, que conheces a dor e o sofrimento.

Parte de Cristo, tu, que és tentado pela tibieza: o ano de graça é um tempo sem limites.

Parte de Cristo, tu, Igreja do novo milénio. Canta e caminha!

(cf. *Ritos de conclusão na Santa Missa na Epifania do Senhor de 2001*).

Maria, Mãe da Igreja, Estrela da Evangelização, nos acompanhe neste caminho, como permaneceu ao lado dos discípulos no dia de Pentecostes. Dirijamo-nos a ela confiantes para que, por sua intercessão, o Senhor nos conceda o dom da perseverança na tarefa missionária, que diz respeito a toda a Comunidade eclesial.

Com estes sentimentos abençoo-vos a todos.

Vaticano, 3 de Junho de 2001, Solenidade de Pentecostes.

JOÃO PAULO II

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana